

STEPHEN NACHMANOVITCH

Ser criativo

O poder da improvisação
na vida e na arte

Tradução de
JANAÍNA MARCOANTONIO



Do original em língua inglesa

FREE PLAY

Improvisation in life and art

Copyright © Stephen Nachmanovitch 1990, 2019, 2024

Publicado mediante acordo com Canongate Books Ltd,

14 High Street, Edinburgh EH1 1TE

Direitos desta tradução adquiridos por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Marina Vitale**

Tradução: **Janaína Marcoantonio**

Revisão da tradução: **Carlos Mendes Rosa**

Revisão: **Samara dos Santos Reis**

Capa: **Delfin [Studio DelRey]**

Projeto gráfico e diagramação: **Natalia Aranda**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Pinte como quiser e morra feliz.

— Henry Miller



Sumário

Uma flauta nova	9
Um mistério	13

AS ORIGENS

Inspiração e fluxo do tempo	25
O veículo	33
O fluxo	39
A musa	43
A mente lúdica	49
Desaparecer	57

O TRABALHO

Sexo e violinos	65
A prática	73
O poder dos limites	83
O poder dos erros	93
A criação conjunta	99
A revelação da forma	107

OBSTÁCULOS E ABERTURAS

O fim da infância	119
Círculos viciosos	129
O fantasma da crítica	137
Entrega	143
Paciência	149
Maturação	153

OS FRUTOS	
Eros e a criação	163
Qualidade	169
A arte pela vida	179
Superação	187
Posfácio	193
Notas	197
Referências	200
Ilustrações	204
Créditos	205

Uma flauta nova

*Um deus consegue fazê-lo. Mas você
me contará como um homem consegue
penetrar as cordas de uma lira?*

— Rilke, *Sonetos a Orfeu*¹

Existe uma antiga palavra do sânscrito, *lila*, que significa “jogo”. Mais rica do que a nossa palavra, tem o sentido de jogo divino — o jogo da criação, da destruição e da recriação, o dobrar e o desdobrar do cosmos. *Lila*, livre e profundo, é a alegria e o prazer deste momento, e o jogo de Deus. Também significa amor.

Lila pode ser o que há de mais simples — espontâneo, infantil, encantador. Todavia, à medida que crescemos e experimentamos as complexidades da vida, também pode ser a conquista mais difícil de imaginar, alcançada com muito esforço, cuja fruição é uma espécie de volta para casa, para o nosso verdadeiro eu.

Quero começar com uma história. Transcrita do folclore japonês², ela abarca toda a extensão da viagem que empreenderemos nestas páginas. Dá um gostinho do que se obtém com atividades lúdicas e do tipo de descoberta criativa que origina a arte e a autenticidade. Ela conta a transição de um músico jovem do mero brilhantismo a uma sensibilidade artística mais genuína, que surge livremente da própria fonte da vida.

Uma flauta diferente foi inventada na China. Um mestre de música japonês descobriu as belezas sutis do som dela e a levou para o seu país, onde deu concertos por todo lado. Uma noite, ele tocou

com um grupo de músicos e admiradores que viviam em certa cidade. No fim do concerto, chamaram seu nome. Ele pegou a nova flauta e tocou uma peça. Quando terminou, houve silêncio na sala por um bom momento. Então, ouviu-se do fundo da sala a voz do homem mais velho: “Como um deus!”

No dia seguinte, quando esse mestre fazia as malas para ir embora, os músicos se aproximaram dele e lhe perguntaram quanto tempo tardaria para que um músico habilidoso aprendesse a tocar a nova flauta. “Anos”, disse. Perguntaram se ele aceitaria um discípulo, e ele assentiu. Depois que saiu, os músicos decidiram entre si enviar um jovem, um flautista brilhantemente talentoso, sensível à beleza, diligente e digno de confiança. Deram-lhe dinheiro para as despesas diárias e pagar as aulas do mestre, e o mandaram para a capital, onde o mestre morava.

O aluno chegou e foi aceito pelo professor, que lhe passou apenas uma melodia simples. De início, ele recebeu uma instrução sistemática, mas dominou facilmente todos os problemas técnicos. Agora, ele chegava para a aula diária, sentava-se e tocava a melodia — e o mestre só lhe dizia: “Falta algo”. O aluno se esforçava de todas as maneiras possíveis; praticava horas incontáveis, mas, dia após dia, semana após semana, o mestre lhe dizia: “Falta algo”. Ele implorou ao mestre que mudasse de melodia, mas este recusou. O treino diário, o “falta algo” diário continuaram por meses a fio. Para o aluno, a esperança de sucesso e o medo do fracasso aumentavam cada vez mais, e ele passou da inquietude ao desânimo.

Afinal, a frustração se tornou intolerável para ele. Certa noite, ele fez as malas e partiu na surdina. Continuou a morar na capital por mais algum tempo, até que ficou sem dinheiro. Começou a beber. Por fim, depauperado, voltou para a região de onde viera. Com vergonha de encarar os antigos colegas, encontrou uma cabana isolada no campo. Ainda tinha suas flautas, ainda tocava, mas já não encontrava inspiração na música. Os agricultores que passavam o ouviram tocar e mandaram os filhos para que ele os instruisse. Ele viveu dessa maneira durante anos.

Em uma manhã, alguém bateu à sua porta. Eram o antigo mestre da sua cidade e o aluno mais novo. Eles lhe disseram que aquela noite dariam um concerto e que todos haviam decidido que sem ele não aconteceria. Com algum esforço, conseguiram fazê-lo superar o medo e a vergonha e, quase em transe, ele pegou uma flauta e partiu com eles. O concerto começou. Enquanto ele esperava atrás do palco, ninguém interferiu em seu silêncio interior. Finalmente, no fim do concerto, chamaram seu nome. Ele subiu no palco em farrapos. Olhou para as mãos e percebeu que escolhera a flauta nova.

Então percebeu que não tinha nada a ganhar nem a perder. Sentou-se e tocou a mesma melodia que havia tocado tantas vezes antes para o seu professor. Quando terminou, houve silêncio por um longo instante. Então, ouviu-se a voz do homem mais velho, dizendo suavemente do fundo da sala: “Como um deus!”



Um mistério

A improvisação é um mistério. Pode-se escrever um livro sobre ela, mas no fim ninguém sabe o que é. Quando improviso e estou em boa forma, sou como alguém sonolento. Esqueço até que há pessoas na minha frente. Os grandes improvisadores são como sacerdotes: só pensam em seu deus.

— Stéphane Grappelli³

Sou músico. Uma das coisas que mais adoro é dar concertos totalmente improvisados de violino, viola e violino elétrico. É estimulante e desafiador estar cara a cara com o público e criar uma obra que tem o frescor de um momento breve e, quando tudo funciona, — a simetria e a tensão estrutural de um organismo vivo. Pode ser uma experiência de comunicação direta memorável e muitas vezes comovente.

Minha experiência de tocar dessa maneira é a de que “eu” não estou “fazendo algo”; é mais como seguir ou anotar um ditado. É, obviamente, uma sensação que foi expressa muitas vezes por compositores, poetas e outros artistas. Existe uma história de um dos alunos de Bach que perguntou a ele: “Senhor, como lhe ocorrem tantas melodias?” — ao que Bach respondeu: “Meu querido, minha maior dificuldade é evitar pisar nelas quando me levanto pela manhã”. E há o famoso exemplo da teoria de escultura de Michelangelo: a estátua já está na pedra, esteve na pedra desde o início dos tempos, e a tarefa do escultor é *vê-la e libertá-la*, eliminando cuidadosamente o material dispensável. William Blake, de maneira similar, escreve sobre “derreter as superfícies visíveis” e revelar “o infinito antes oculto”⁴.

Este livro é sobre as fontes internas de criação espontânea. É sobre a origem da arte. Refiro-me à arte no mais amplo sentido. Vi um mecânico abrir o capô do meu carro e trabalhar com essa sensibilidade especial da mão e do olhar, essa destreza e prontidão para absorver surpresas, essa qualidade de conexão e inteireza que também reconhecemos em um bom pianista, pintor ou poeta.

Este livro é dirigido a pessoas de qualquer área que queiram entrar em contato com sua capacidade criativa e fortalecê-la. Seu propósito é propagar a compreensão, a alegria, a responsabilidade e a paz que advêm do uso pleno da imaginação humana.

As perguntas que exploraremos dizem respeito a como a música intuitiva, ou a inspiração de qualquer tipo, surge dentro de nós, como pode ser bloqueada, dificultada ou obscurecida por fatos inevitáveis da vida e como finalmente é liberada — como *nós* somos finalmente liberados — para falar ou cantar, escrever ou pintar, com nossa voz autêntica. Tais perguntas nos levam diretamente ao território aonde parecem convergir muitas religiões e filosofias, bem como a experiência concreta de artistas ativos.

Qual é a Fonte que acessamos ao criar? O que os antigos poetas queriam dizer quando falavam da musa? Quem é ela? De onde vem o jogo da imaginação? Quando os sons fazem música? Quando os padrões e as cores fazem arte? Quando as palavras fazem literatura? Quando a instrução é ensinamento? Como equilibramos esquema e espontaneidade, disciplina e liberdade? Como a paixão da vida do artista se codifica na obra de arte? Como nós, criadores de obras de arte, temos a certeza de que a visão e a paixão original que nos motivam são retratadas fielmente, a cada instante, em nossa atividade criativa? Como nós, testemunhas de obras de arte, decodificamos ou liberamos essa paixão quando o artista se foi e só temos a obra diante de nós, para vê-la e ouvi-la, para recordar e acolhê-la? Como é se apaixonar por um instrumento e uma arte?

§

Comecei a escrever este livro a fim de explorar as dimensões internas da improvisação. Pareceu-me incrivelmente fascinante que a concepção, a composição, a prática e a execução de uma peça musical pudessem